

# Quando e onde se forma a experiência olímpica do atleta

*Maria Alice Zimmermann*



as narrativas da pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros”, inúmeros atletas olímpicos de diferentes épocas e modalidades

tiveram sua história marcada pela presença do professor de educação física na escola como incentivador e, às vezes, como responsável pela sua descoberta e posterior encaminhamento ao esporte de rendimento. Professor este que teve a sensibilidade de olhar para essa criança e encontrar um nível de habilidade excepcional. E, na condição de professor, se viu responsável por oferecer as condições para que ela desenvolvesse o virtuosismo que possuía.

Sabemos que nas condições em que se encontram as escolas na atualidade é muito difícil fazê-lo. Ouvimos, pelo relato dos atletas olímpicos, que esses professores abnegados, determinados, apaixonados pelo que fazem podem inclusive fazer isso também mesmo quando não há obrigação.

Dessa maneira, o professor de educação física escolar tem papel fundamental no desenvolvimento das modalidades esportivas, assim como é um forte personagem na colaboração de projetos de vida de seus alunos.

## CULTURA CORPORAL E EDUCAÇÃO FÍSICA

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é fundamental que se faça uma clara distinção entre os objetivos da educação física escolar e os objetivos do esporte, da dança, da ginástica e da luta profissionais, pois, embora seja uma referência, o profissionalismo não pode ser a meta almejada pela escola. A educação física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando ao seu aprimoramento como seres humanos.

Segundo Betti (1992, 1994a), a educação física como componente curricular da educação básica deve introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em bene-

---

**MARIA ALICE ZIMMERMANN** é professora da Escola de Educação Física e Esporte da USP.

fício da qualidade de vida. Segundo o autor, “a integração que possibilitará o usufruto da cultura corporal de movimento há de ser plena – é afetiva, social, cognitiva e motora. Vale dizer, é a integração de sua personalidade”.

Dessa maneira, abordamos as funções e expectativas sobre a educação física na escola. Não percebemos, assim, qualquer indício que seja da sua ordem formar atletas.

O que se considera atualmente é que, na maioria dos países, a responsabilidade de desenvolvimento dos valores também é atribuída às escolas, considerando o deslocamento da população por causa de guerras e de migrações e a convivência de pessoas de diferentes culturas.

Pois bem, o que é esperado do professor, então?

De acordo com Machado (2009), podemos apresentar as competências do professor utilizando quatro verbos:

- *mediar* os conflitos de interesse;
- *tecer* redes de significados;
- *mapear* valores e propor projetos;
- *construir* narrativas fabulosas.

A escola não é um ambiente de treinamento e aprimoramento técnico, onde se pratica o esporte pelo esporte, e, sim, um ambiente no qual muitos terão contato com as modalidades esportivas, inclusive pela primeira vez, podendo contribuir para ampliar a cultura esportiva e a diversificação da monocultura do futebol.

Os clubes já não possuem a mesma disponibilidade de atendimento como no passado. As Secretarias de Esporte dos municípios dispõem de, no máximo, 1% de recursos do orçamento para executar seus projetos, ou seja, em situações precárias de atendimento. As Secretarias de Educação possuem 25% dos recursos. As crianças estão nas escolas, os professores também, com quadras e, muitas, com materiais esportivos.

Entendo a perfeita possibilidade de coabitação no mesmo espaço. Não deve ser uma possibilidade unária nem tampouco binária, desde que haja uma proposta de enriquecimento educacional.

O problema é notável quando, dentre nossos alunos, encontramos os que gostam de praticar uma modalidade e querem treinar com mais dedicação. Para onde encaminhá-los?

Para formarmos um atleta olímpico, segundo estudos, há necessidade de algo em torno de 8 mil a 12 mil horas de treinamento, anos de preparação e dedicação exclusiva. Para a formação de técnicos é necessária a mesma preparação intensa – estudo, muito estudo, prática e aprimoramento.

Não é verdade que não tenhamos conhecimento para formar atletas de alto rendimento. O problema é mais complexo. Começando pelo sistema esportivo, que não temos, há que se considerar os projetos das federações e o tempo de seus dirigentes no comando, fato este que influencia diretamente a atuação de técnicos e atletas.

Abrindo um parêntese, destaco a atuação do técnico do medalhista olímpico da ginástica Arthur Zanetti, Marcos Goto, eleito técnico (individual) do ano no Prêmio Brasil Olímpico. Ele é responsável pela formação do nosso primeiro medalhista olímpico na ginástica e, por tabela, colabora sobremaneira com o desenvolvimento da ginástica no país. E isso não se deu da noite para o dia.

Logo após ter conquistado a medalha de prata como técnico de Zanetti, e auxiliando Diego Hypólito, avaliou que a falta de reconhecimento e as grandes dificuldades enfrentadas pelos professores acabam por desmotivar a permanência de muitos na função. Apontou a desvalorização da carreira e a falta de incentivo, pois não há nenhum benefício financeiro para os formadores.

## EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO OLÍMPICA: EXISTE DIFERENÇA?

De acordo com Rubio (2009), a expressão “educação olímpica” surgiu na década de 1970, tendo como pressupostos os valores e os ideais presentes no olimpismo. Uma de suas metas era tornar o esporte moderno parte da rotina escolar, inserindo uma filosofia de educação pelo esporte.

Na Carta Olímpica encontramos a definição de “olimpismo”, que é “uma filosofia de vida que exalta e combina em um todo equilibrado as qualidades do corpo, vontade e mente. Misturando o desporto com a cultura e a educação, o olimpismo procura criar um modo de vida baseado na alegria do esforço, no valor educacional do bom exemplo,

responsabilidade social e respeito pelos princípios éticos fundamentais universais”.

Segundo Binder (2010), Pierre de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna,

“[...] considerava a importância da emoção e da imaginação como ferramentas pedagógicas. [...] E desde os primeiros Jogos Olímpicos modernos, o mundo é inspirado a cada quatro anos com histórias emocionais de triunfo atlético e decepção. Essas histórias permanecem como modelos e como confirmação para as futuras gerações de potenciais empreendedores elevados. Uma abordagem imaginativa para o ensino de valores olímpicos é importante para ajudar todos nós a romper as barreiras da tradição e preconceito de que, por vezes, envolvem-nos em desespero sobre *doping*, violência e engano”.

Mais do que aprender e falar sobre os valores, Coubertin estimulava a prática.

Bruce Kidd (1985) elencou os objetivos da educação olímpica:

- participação em massa: a expansão das oportunidades para o desporto e jogar para criar o que Coubertin chamava de “a democracia da juventude”;
- esporte como educação: o desenvolvimento de oportunidades que são genuinamente educacionais, que auxiliam os indivíduos e grupos no processo de conhecimento;
- desportivismo: a promoção de um alto padrão de espírito esportivo, que Coubertin chamava de “o novo código de cavalaria”;
- intercâmbio cultural: a integração do visual e das artes de palco para as comemorações olímpicas;
- compreensão internacional: a criação de um movimento cuja adesão transcenda categorias raciais, religiosas, políticas e econômicas, ou seja, uma irmandade que promova a compreensão e, assim, contribua para a paz mundial; e
- excelência: a busca da excelência no desempenho.

Algumas ações foram realizadas, independente do Programa de Educação Olímpica oficial, tais como o programa vivenciado na cidade de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Educação, no qual, a partir de 2007, tiveram

início as competições esportivas denominadas Olimpíadas Estudantis, de caráter escolar e com o objetivo de proporcionar desenvolvimento esportivo agregado ao valor educativo. Desde seu início, teve como proposta norteadora aproximar a prática e a iniciação esportiva dos aspectos educacionais implícitos nos esportes, sendo que a junção dessas duas áreas traz excelentes benefícios para a promoção do desenvolvimento humano e seus valores.

O regulamento, desde a primeira edição, buscou democratizar o acesso dos participantes, indicando, assim, a proximidade com os valores olímpicos como a igualdade, diminuindo a discriminação, o preconceito e a deslealdade. Dentro dessas questões, podemos citar: 1) para incentivar a participação em outras modalidades menos praticadas, as escolas inscritas com equipes nas modalidades futsal e handebol deveriam se inscrever nas modalidades voleibol e basquetebol; 2) para evitar que sempre os mais habilidosos jogassem e participassem de várias modalidades, ficou restrita a participação do aluno em apenas uma modalidade coletiva, sendo necessário, dessa maneira, ampliar o número de alunos praticantes das modalidades coletivas; 3) para estimular a participação feminina, tornou-se obrigatório que cada escola inscrevesse pelo menos uma equipe feminina na competição.

Uma proposta de formação pedagógica em educação olímpica foi realizada nos anos de 2012 e 2013 com o citado Programa de Educação Olímpica, e contou com a participação de 300 professores, a sua maioria envolvida com as Olimpíadas Estudantis, além de coordenadores pedagógicos, diretores de escola e professores de áreas diferentes da educação física. O objetivo estava na formação dos professores em temas relacionados com o Movimento Olímpico e posterior aplicação junto aos estudantes participantes.

Mais do que buscar a descoberta de talentos, a quebra anual de recordes e a melhora no desempenho e no número de participações dos alunos, as Olimpíadas Estudantis concretizavam-se como um campo privilegiado de formação discente e docente.

Durante o programa foi aplicada uma avaliação cujo objetivo foi verificar e diagnosticar como os professores e os educandos utilizam os

conceitos dos valores olímpicos. No ano seguinte, foi sugerida a aplicação aos alunos. Contava com um questionário composto de 70 questões com frases que descreviam sentimentos, opiniões e atitudes. Após a tabulação das respostas, foram destacados três aspectos: Excelência (importância da prática, aprender a superar as dificuldades, disposição); Trabalho em Equipe (planejamento, integração, equipe de esportes); e Autocontrole (autorrespeito, respeito pelos adversários e ética nos esportes).

A contextualização dos conteúdos discutidos e a apropriação das referências teóricas da educação olímpica ajudaram o professor na realidade do cotidiano escolar. Isso destaca que a produção do conhecimento só encontra sentido se estiver diretamente relacionada com a aplicação no cotidiano (Rubio, Meira & Zimmermann, 2013).

Outra iniciativa foram os livros *Missão Valores Olímpicos* e *Pimbo e Olimpo* como propostas de intervenção pedagógica para auxiliar os professores, pais e alunos para o entendimento que transpassa o ato esportivo.

## O QUE VI NAS ARENAS OLÍMPICAS

Passada a euforia da cerimônia de abertura, que merece com toda certeza um parêntese e um texto específico, fomos ao “campo de batalha”, ou seja, às arenas esportivas, para vivenciar a magia olímpica na Cidade Maravilhosa.

O que parecia algo impossível se concretizou: quadras e instalações esportivas da mais considerável qualidade estavam lá, prontas, aguardando os dias sagrados de disputas olímpicas e, principalmente, os seus principais atores, os atletas olímpicos.

Havia no ar algo completamente diferente, algo que com toda certeza foi realçado pelas belezas naturais da cidade escolhida em 2009. O que havia no ar era algo como um vento de esperança, de puro acolhimento da diversidade cultural que frequentava aqueles espaços nesses dias. Havia cordialidade, disposição para o “fazer dar certo”. Realmente era uma festa e isso nós sabemos fazer e viver.

Por outro lado, percebi, durante a realização dos jogos, manifestações em várias arenas relacionadas à pura expressão de sentimentos como

alguns dos citados anteriormente. Relaciono aqui algumas manifestações que convidam para a reflexão.

O que constatei foi a dificuldade de expressar-se de maneira adequada, de acordo com as expectativas da variedade de modalidades esportivas. Percebi, também, a inabilidade em conhecer os sinais da arbitragem de esportes menos constantes no nosso cotidiano e na nossa cultura. Como comemorar os pontos ganhos para quem torcíamos? Isso foi acompanhado na esgrima, por exemplo.

As partidas de tênis são jogadas no mais “puro” silêncio e o que vimos e ouvimos foram atletas se queixando da torcida, que gritava e fazia coro como se estivesse num campo de futebol. Outro fato no mínimo curioso se deu relacionado à arbitragem, que também teve sua torcida presente, pois eram “adotados” alguns árbitros para serem objeto de manifestação, uma vez que não se conheciam os atletas. Pura diversão.

Seguramente, podemos afirmar que nos faltou cultura esportiva, ou seja, nos faltou o quesito básico para análise, entendimento, discussão e principalmente manifestação adequada. Pois se espera da plateia de uma orquestra sinfônica, de balé ou peça de teatro, manifestações adequadas e relacionadas às expectativas daquele momento.

A cultura esportiva deveria ter feito parte do cotidiano das nossas escolas, e não apenas às vésperas do evento, mas deveria estar presente há anos nos ambientes escolares. Poderia ter sido realizada com maestria durante o Programa de Educação Olímpica, programa este que a organização dos Jogos Olímpicos assumiu como responsabilidade na apresentação do programa da sua candidatura, para garantir assim o legado social do evento.

Podemos, assim, dizer que tivemos um Projeto de Educação Olímpica no país?

O que vimos por aqui foi um projeto que intensificou a prática das diversas modalidades esportivas, com destaque nas mais desconhecidas. Houve formação/atualização pedagógica para professores. Também ocorreu a vivência para várias crianças das escolas que participaram do projeto. Por fim, viabilizou-se o primeiro contato com modalidades que não seriam conhecidas. Mas talvez o ponto falho tenha sido a abordagem dos valores.

Realmente não é tarefa fácil gerar conflitos para serem discutidos e resolvidos nos momentos das vivências esportivas. Ou mesmo proporcionar outro olhar, um prisma que cause desconforto, saindo da zona consolidada de pensamento e ação. O fim da educação é a ação; não há educação sem transformação e conservação.

Segundo Habermas (1998), a ação tem sentido de êxito e entendimento quando a ação estratégica vem acompanhada de ação comunicativa. Infelizmente, considerando a extensão continental do nosso país, essa iniciativa não chegou com a antecedência necessária, tendo início em 2014, e tampouco contemplou o considerável número de escolas e professores.

Outro ponto é o fato de o projeto não ter sido planejado considerando nossas características socioculturais. Poderia ter sido concebido, do começo ao fim, com as experiências já ocorridas pelo país. Vale lembrar que a postulação do Brasil ocorreu em 2009, demorando cinco anos para ter início o Programa de Educação Olímpica. Havia conteúdo digital, textos e cursos presenciais com vivências das modalidades esportivas, mas faltou destaque aos valores.

Na verdade, o Projeto de Educação Olímpica deve existir independente de a cidade/país receber os Jogos Olímpicos, mas, tampouco, às vésperas do evento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Onde está a dificuldade em realizarmos o esporte na escola? Sendo um modelo desejado, não é possível negar que não seja de interesse de professores e alunos.

Atletas olímpicos brasileiros demonstram, nas suas narrativas, a importância da vivência do esporte na escola e definem como gatilho para sua formação o papel do professor de educação física. Não é somente nas narrativas dos atletas que registramos esse fato. Vários praticantes de esporte também o consideram como responsável pela prática longa, com alegria e entusiasmo. Muitos ainda competindo.

A prática esportiva não é somente física, ela é social e, acima de tudo, afetiva. São inegáveis essas características para o sujeito que pratica esporte e que o leva para a vida toda. São elementos cultivados no ambiente escolar.

Esta, sim, é a “formação” dos atletas na escola. Não é de ordem técnica, de refinamento do gesto técnico e tático, mas de “formação” educacional, no seu sentido amplo, de “formação” da cultura esportiva. Formação que preze os valores humanos, conservando-os, que dê ênfase ao projeto de vida e de transformação, que considere, segundo Sen (2007), a consciência, a multidimensionalidade e a integridade de cada um de nós.

## BIBLIOGRAFIA

- BETTI, M. "Ensino de 1º. e 2º. Graus: Educação Física para Quê?", in *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 13, n. 2, 1992, pp. 282-7.
- \_\_\_\_\_. "Valores e Finalidades na Educação Física Escolar: Uma Concepção Sistêmica", in *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 16, n. 1, 1994, pp. 14-21.
- BETTI, M.; ZULIANI, L.R. "Educação Física Escolar: Uma Proposta de Diretrizes Pedagógicas", in *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, ano 1, n. 1, 2002, pp. 73-81.
- BINDER, D. L. "Teaching Olympism in Schools: Olympic Education as a Focus on Values Education", in *University Lectures on the Olympics*. Bellaterra, Centre d'Estudis Olímpics/International Chair in Olympism, 2010. Disponível em: [http://olympicstudies.uab.es/2010/docs/binder\\_eng.pdf](http://olympicstudies.uab.es/2010/docs/binder_eng.pdf). Acesso em: 10/9/2016.
- BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. "A Política de Esporte Escolar no Brasil: A Pseudovalorização da Educação Física", in *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 24, n. 3, 2003.
- ESPORTE NA ESCOLA. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, pp.1-35, 3/3/2002.
- HABERMAS, J. *Facticidad y Validez*. Madrid, Trotta, 1998.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. *Olympic Charter*. Lausanne, IOC, 2007.
- KIDD, B. "The Legacy of Pierre de Coubertin". Paper presented at Olympic Academy of Canada. Vancouver, B. C., 1985.
- MACHADO, N. J. *Educação – Competência e Qualidade*. São Paulo, Escrituras, 2009.
- PCNs – Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física*. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- RUBIO, K; MEIRA, C. L; ZIMMERMANN, M. A. "Prática Docente em Educação Olímpica: Um Desafio Universal", in VII Seminário de Educação Física Escolar. São Paulo, 2013.
- RUBIO, K; QUINTILIO, N. K.; MARCONI, J. R. *Missão Valores Olímpicos*. São Paulo, Laços, 2016.
- SEN, A. *Identity and Violence*. New York/London, Norton, 2007.
- TONON, L. *Pimpo e Olimpo: Uma Viagem Rumo aos Jogos Paraolímpicos* (Kindle Edition). 2016